

# A ETERNIDADE DE DEUS E A FINITUDE DO SER HUMANO: UMA ANÁLISE DO SALMO 90

*Francisco Erdos\**

## **Resumo**

*O Salmo 90 trata da eternidade de Deus em comparação à finitude do ser humano. Ao ser humano não é permitido viver para sempre devido à queda. Sobre a eternidade apenas ouve-se falar, mas somente quando chega à velhice é que o conceito de eternidade se torna mais claro: quando olha para trás, para o seu passado, percebe o quão rápido passou toda a sua vida. Ao ser humano só resta clamar a Deus por direção e graça para seguir pela vida evitando o pecado. Somente assim a alegria fará parte de sua vida e haverá esperança de que o fim não será a morte, mas a vida.*

**Palavras-chave:** *Deus. Eternidade. Ser humano. Finitude. Vida.*

## **Abstract**

*The Psalm 90 discusses the eternity of God compared to the finitude of human being. It is not allowed to the humanity to live forever because of the fall. He can just hear about eternity, but only reaching the elderly the concept of eternity becomes clearer: looking back to the past he realize how fast life has gone by. To human being remains only crying out to God for direction and grace to pass through life avoiding sin. Only in this way happiness will be part of their live and there will be hope that at the end will not be the death, but the life.*

**Keywords:** *God. Eternity. Human Being. Finitude. Life.*

\* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutorando em Teologia na mesma instituição.

## Introdução

O olhar de Deus sobre o ser humano abrange toda sua vida. Uma vida de pouca duração se comparada à eternidade de Deus. É como uma linha esticada sobre toda a extensão da terra, de norte a sul, ou de leste a oeste, de um horizonte a outro. E nessa linha, uns poucos centímetros assinalam a duração da vida de um ser humano. Uma vida de desilusões e sonhos, de apatia e lutas, de derrotas e conquistas. A trajetória de um ser humano que nasce e caminha pela duração de sua vida e, em pouquíssimo tempo, é vencido pela morte. Deus é exaltado pela sua criação, pelo seu poder e pela sua eternidade. O ser humano sabe que nada é, em comparação a Deus e ante a realização divina, mas luta para deixar uma marca, um sinal na sua trajetória. A satisfação do ser humano é ter algo que marque sua passagem pela vida. É ter uma realização que o faça ser lembrado para que sua memória permaneça por mais tempo. Morrerá feliz quem souber que realizou alguma coisa que deixe boas lembranças naqueles que ficam. Este texto sobre o Salmo 90 faz uma reflexão da soberania de Deus sobre o tempo e a duração da vida humana e o descortinar da eternidade diante dos olhos do ser humano ao fim de sua vida.

### 1. Gênero, autoria e época da composição do Salmo 90

Parte integrante do Livro IV (90-106) do saltério, o Salmo 90, com seus 17 versículos, versa sobre a finitude do homem ante a eternidade de Deus, sendo um cântico de oração comunitária<sup>1</sup>. A ênfase recai sobre o tempo em suas variadas formas, discorre sobre gerações, anos, dias, tarde, noite, madrugadas, manhã, ontem. Trata-se de um poema composto com características de época pós-exílica, no qual se harmonizam o cântico de louvor e a lamentação<sup>2</sup>. Os versículos 13 a 17 foram acrescentados posteriormente, acompanhando um costume de se “concluir” salmos de outros gêneros com uma parte de lamentações<sup>3</sup>.

O título do salmo apresenta-o como sendo de autoria mosaica: “Oração de Moisés, homem de Deus” (v. 1). As opiniões dos comentaristas, baseando-se nos mais variados fatores, tais como menções no título hebraico ou em detalhes no conteúdo ou forma, colocam a composição deste salmo nas mais diversas épocas e autorias que vão desde Moisés, passando por Samuel, até chegar à época de Antíoco, no século II aC<sup>4</sup>.

1. Sigo aqui a proposta de H.J. KRAUS (*Los salmos: salmos 60-150*. Salamanca: Sigueme, 1995. v. 2, p. 322).

2. GUNKEL, H. *Introducción a los salmos*. Valencia: Edicep, 1983, p. 101.

3. GUNKEL, *Introducción a los salmos*, p. 153.

4. SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos II: salmos 73-150*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 76.

## 2. Divisão do texto

Naturalmente, não existe consenso quanto à divisão do texto do Salmo 90. Abaixo são listadas as divisões de três comentaristas, como exemplo.

Derek Kidner<sup>5</sup> divide o Salmo 90 em quatro partes: v. 1-2. 3-6. 7-12. 13-17. A eternidade de Deus é tratada nos v. 1-2, enquanto que os v. 3-6 tratam da efemeridade do ser humano. Os v. 7-12 colocam a humanidade sob a ira de Deus, enquanto os v. 13-17 colocam a humanidade sob sua graça.

Para Artur Weiser<sup>6</sup> o Salmo 90 se divide também em quatro partes, mas de um modo um pouco diferente: v. 1. 2-6. 7-12. 13-17. O v. 1 tem uma declaração de confiança que é refletida em todo o cântico, enquanto que os v. 2-6 fazem a distinção entre a eternidade de Deus e a transitoriedade do ser humano. Os v. 7-12 mostram a vontade humana em choque com a vontade de Deus e os v. 13-17 finalizam o cântico com a solicitação da graça e o cuidado de Deus.

Luís Alonso Schökel e Cecília Carniti<sup>7</sup> dividem o mesmo salmo em apenas três partes: v. 1-6. 7-11. 12-17. Os v. 1-6 comparam a duração do ser humano e de Deus, avaliando a vida humana ante a eternidade divina. Os v. 7-11 avaliam o ser humano ante a ira de Deus. Os v. 12-17 tratam do esmorecimento do ser humano ante a morte devido ao pecado e à busca da graça de Deus.

A métrica do Salmo 90 leva a crer que há dois cânticos: Os v. 1-12 seriam o salmo original e os v. 13-17, um complemento acrescentado mais tarde. Mas não é fácil justificar essa divisão. Devido ao seu teor um tanto quanto agitado, não se deve tentar descrever uma estrutura equilibrada ou divisões simétricas neste salmo. No máximo pode-se aceitar que haja algum material mais antigo em sua composição e algum acréscimo sapiencial, devido ao seu teor didático, e por isso o salmo sofreu modificações em sua forma inicial<sup>8</sup>.

## 3. Análise do texto

Segue uma análise exegética e teológica do Salmo 90 com um breve comentário de cada versículo.

5. KIDNER, D. *Salmos 73-150: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 350-353.

6. WEISER, A. *Os salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 454.

7. SCHÖKEL; CARNITI, *Salmos II*, p. 1.146-1.151.

8. KRAUS, *Los salmos*, p. 322.

v. 1: *Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração.*

A versão de Almeida prefere “refúgio” enquanto que Kidner<sup>9</sup> argumenta que “habitação” pode ser usada e é especialmente relevante face ao texto de Dt 33,27 “O Deus eterno é a tua habitação”, enfatizando o caráter transitório do ser humano na terra.

O Senhor é o “nosso refúgio”. A declaração do salmista de confiança em Deus envolve toda uma história do passado que tem continuidade no presente. A confiança dos antepassados é compartilhada agora com a comunidade, a segurança no Senhor é um sentimento que o mantém em pé ante a terrível realidade da brevidade da vida. Essa segurança é que o anima a suplicar a Deus a bênção sobre os seus dias<sup>10</sup>.

O Senhor (Yhwh) sempre está presente e socorre aqueles que o buscam. O complemento “de geração a geração” indica a eternidade de Deus enquanto passam-se as gerações dos seres humanos.

v. 2: *Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.*

O texto do v. 2 remete para o Gênesis, para antes da criação. A ênfase “de eternidade a eternidade” procura intensificar a eternidade de Deus, como se fosse possível medir. A história, arqueologia e a geologia tentam passar a idade da criação na casa dos bilhões de anos. Não importando qual seja a idade da criação, Deus é anterior.

A menção do nascimento dos montes poderia levar à conclusão que pode haver a morte, uma finitude também para os montes?<sup>11</sup>

v. 3: *Tu reduces o homem ao pó e dizes: Tornai, filhos dos homens.*

A criação dos seres humanos, segundo o autor javista, foi do pó da terra (Gn 2,7) que passou a ser alma vivente após Deus ter-lhe soprado o fôlego de vida. Após a peregrinação pela vida não resta outro destino ao ser humano a não ser o pó: “e queres, agora, reduzir-me a pó?” (Jó 10,9). O salmista medita sobre a vida do ser humano, sobre o seu próprio fim e pondera que logo não restará de si nada mais a não ser o pó, “porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,19).

Deus ordena “tornai”, venha de volta, retorne. O que seria esse retorno? Retornar para qual condição? Poderia o ser humano participar da eternidade de Deus? O v. 1 concede uma pista de que o Deus Eterno seja a habitação perene

9. KIDNER, *Salmos 73-150*, p.351.

10. WEISER, *Os salmos*, p. 454-455.

11. SCHÖKEL; CARNITI, *Salmos II*, p. 1.147.

do ser humano e que de alguma forma haverá continuidade. O resgate do texto de Gn 1,26-27 confirma de alguma forma a continuidade devido ao ser humano ser semelhante a Deus. O Pregador disse: “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ecl 12,7).

O ser humano compreende plenamente sua finitude quando se volta para Deus e se dá conta de suas limitações que vão ficando cada vez maiores. A compreensão da brevidade de sua vida o faz entender a eternidade de Deus<sup>12</sup>.

v. 4: *Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite.*

Considerando que a vida do ser humano é de setenta a oitenta anos (v. 10), pode-se colocar a média de setenta e cinco anos. Se um homem tiver um filho com vinte e cinco anos, um neto com cinquenta anos e um bisneto com setenta e cinco anos, este homem, vivendo setenta e cinco anos, verá três gerações após ele. Se vivesse por mil anos veria quarenta gerações após ele. Deus olha para quarenta gerações de seres humanos como quem olha para a passagem de um dia. Novamente enfatiza-se a eternidade de Deus.

Não é possível aplicar medidas humanas a Deus<sup>13</sup>. A comparação deste versículo “Coloca o mundo no seu contexto, que é Deus, e nosso tempo de vida no seu enorme pano de fundo que é a eternidade”<sup>14</sup>.

v. 5: *Tu os arrastas na torrente, são como um sono, como a relva que floresce de madrugada;*

v. 6: *de madrugada, viceja e floresce; à tarde, murcha e seca.*

O ser humano é arrastado por Deus na corrente rápida e intensa de um rio caudaloso, o rio da vida. Ele é como um sono, que de manhã perde sua importância ante o dia, com os seus afazeres<sup>15</sup>. É como a linda planta que floresce, mas perde seu encanto no decorrer do dia e à tarde nada mais é. O vento soprando fá-lo-á desaparecer “e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar” (Sl 103,16).

v. 7: *Pois somos consumidos pela tua ira e pelo teu furor, conturbados.*

A humanidade está ordenada à morte, mesmo que não queira morrer. Mesmo que prefira viver eternamente em sua condição da qual é consciente o dia de sua morte está marcado por Deus: “no teu livro foram escritos todos os meus

12. WEISER, *Os salmos*, p. 456.

13. SCHÖKEL; CARNITI, *Os salmos II*, p. 1.148.

14. KIDNER, *Salmos 73-150*, p. 352.

15. WEISER, *Os salmos*, p. 454-455.

dias, cada um deles escrito e determinado” (Sl 139,16). A ira de Deus se acendeu contra a humanidade quando esta pecou “E a Adão disse: Visto que... [pecastes]... [sofrerás]... até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,17-19). O cântico de Ezequias diz: “Eu disse: Em pleno vigor de meus dias, hei de entrar nas portas do além; roubado estou do resto dos meus anos” (Is 38,10).

v. 8: *Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do teu rosto, os nossos pecados ocultos.*

Aos olhos de Deus estão as faltas da humanidade. Ninguém poderá arrogar para si a condição de santificado. Pois até o que está oculto aos olhos dos homens está iluminado pela luz do seu rosto:

Queríamos esconder ou enterrar isso que nos envergonha amargamente, e tu o agarras e o colocas diante de ti e diante de mim; e tenho que confessar que é justificada tua ira. Inclusive a mim se me ocultam movimentos, desejos, atitudes nos antros da consciência. E tu diriges para aí teu rosto como foco que ilumina o recôndito; e tenho que confessar que tua cólera é justificada<sup>16</sup>.

v. 9: *Pois todos os nossos dias se passam na tua ira; acabam-se os nossos anos como um breve pensamento.*

Passar toda a vida desagradando a Deus é o destino da humanidade. Quando menos se espera vem à consciência o fim. A luta diária com desafios que pareciam nunca terminar chega ao fim rapidamente eliminando todo e qualquer encanto das recompensas que porventura tenham sido conquistadas.

v. 10: *Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é cansa e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos.*

Com muito mais de dois mil anos, o texto deste versículo é totalmente aplicável aos dias atuais. Toda e qualquer conquista é adquirida mediante muita cansa e aborrecimentos.

Quando se olha para frente, as dificuldades são como barreiras quase intransponíveis e de labor demorado. Após transpô-las, ao invés do regozijo pela conquista, lamenta-se o tempo gasto que apaga todo o prazer da vitória.

Ao olhar para trás percebe-se que os anos passados são como o dia de ontem. Muitos eventos passados estão gravados na mente como se tivessem acabado de acontecer, mas pertencem às décadas que passaram.

Sob o peso da idade percebe-se claramente que o tempo é apenas um pequeno intervalo ante a eternidade.

16. SCHÖKEL; CARNITI, *Os salmos II*, p. 1.150.

v. 11: *Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?*

Qual é o alcance do poder da ira de Deus? Quem sentiu a totalidade da sua fúria? O que poderia a humanidade fazer para escapar do castigo de Deus? Se a pergunta foi feita, com certeza há um grande interesse pela resposta. Ao fim dos dias pergunta-se como escapar das consequências dos próprios erros.

v. 12: *Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.*

Contar os dias e assimilar a terrível verdade: o nada ser diante de Deus, o nada ser diante da eternidade, o ser pecador. A compreensão sobre o poder e a eternidade de Deus ante os atos humanos leva-se a avaliar que viver uma vida dedicada a refletir sobre a soberania de Deus facilita a aceitação do fim da vida, a aceitação de morte.

O coração sábio é alcançado quando se reconhece a soberania de Deus sobre a humanidade e sobre si mesmo. Esse reconhecimento leva ao louvor e à adoração.

Mas não é fácil seguir um caminho reto diante de Deus. O justo reconhece que é fraco e não consegue por si só evitar o pecado. Por isso clama a Deus que lhe “ensine seus preceitos” (Sl 119,12), e que não permita que seu coração se incline para o mal (Sl 141,4)<sup>17</sup>.

v. 13: *Volta-te, Senhor! Até quando? Tem compaixão dos teus servos.*

A partir de agora muda-se o ânimo. Da apatia e do pessimismo, passa-se à busca e ao clamor a Deus. A compaixão de Deus é implorada no intuito de mudar o estado de ânimo ante o fim a que se está destinado.

A humanidade clama “Volta-te”, clama pela misericórdia de Deus, após a conscientização de que não pode, por si mesma, transformar sua vida. “A insistência do pedido (“Até quando?”) exprime a seriedade do reconhecimento de que o homem é um ser inteiramente necessitado de Deus”<sup>18</sup>.

v. 14: *Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias.*

A benevolência de Deus é solicitada para alegrar os corações. O sentir-se perdoado tira o peso do pecado que está sobre si e causa uma grande satisfação. O salmista convida para que essa busca a Deus seja diária, “para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias”. Para sempre.

17. GUNKEL, *Introducción a los salmos*, p. 238.

18. WEISER, *Os salmos*, p. 459.

O querer do salmista é o amor divino, o cuidado e a vivência com Deus para alcançar a felicidade<sup>19</sup>.

v. 15: *Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido, por tantos anos quantos suportamos a adversidade.*

O salmista solicita que sejam contentados pelo mesmo tanto de dias que receberam o castigo pelos seus pecados, pelo mesmo tanto de dias que enfrentaram sofrimentos.

Não se trata de uma indenização, ou pagamento pelo castigo que receberam, mas sim, de graça divina para apagar da mente as aflições que receberam devido aos seus pecados<sup>20</sup>.

v. 16: *Aos teus servos apareçam as tuas obras, e a seus filhos, a tua glória.*

Colocando-se sob a servidão, roga-se que suas vidas sejam edificadas por Deus, que suas bênçãos sejam extensíveis a seus descendentes e que a glória divina seja permanente na vida deles.

v. 17: *Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós as obras das nossas mãos, sim, confirma a obra das nossas mãos.*

Que as realizações sejam boas e edificantes e alegrem-se os corações. Que a prosperidade seja por muitos anos e ultrapasse a presente geração. Que o legado seja transmitido aos filhos e netos e que a presente geração seja lembrada por tudo o que construiu sob a graça do Senhor.

A humanidade atua sob a direção de Deus. A prosperidade de sua obra é dada pelo agir divino. Os atos humanos serão lembrados, se Deus tiver agido junto<sup>21</sup>.

Melhor será que fiquem boas lembranças daqueles que se foram. Estes se sentirão realizados e felizes porque suas memórias não se apagarão tão rápido quanto a duração de suas vidas.

#### 4. Reflexões sobre a vida

Na vida humana, na velhice, o olhar que tem maior alcance é o que se dá para o passado. No fim da vida, olha-se para trás e lembra-se de tudo o que se fez.

19. WEISER, *Os salmos*, p. 460.

20. WEISER, *Os salmos*, p. 460.

21. SCHÖKEL; CARNITI, *Salmos II*, p. 1.154.

As derrotas e conquistas, os erros e acertos. Os pecados e os atos louváveis. As lembranças são melhores para aqueles que viveram uma vida com Deus, porque sabem que seus atos, suas obras são confirmadas pelo Senhor e passarão à posteridade.

Há um texto sapiencial que concorda com o exposto: “Cuida do teu nome, porque ele te acompanha, é mais do que milhares de tesouros preciosos. Os bens da vida duram certo número de dias, ao passo que o nome honrado permanece para sempre” (Eclo 41,12-13).

Certamente que a humanidade está em busca de prazeres, uns de forma comedida, outros de forma intensa. Para uns o prazer é egoísta, para si mesmo. Para outros o prazer é compartilhado, há satisfação da conquista do prazer e depois há satisfação em compartilhar.

A busca do prazer, da alegria, é empreendida porque todos preferem a alegria. Mas o prazer na vida para a humanidade sem Deus é um prazer que tem um fim. No fim da vida tudo se acaba. O que era prazer se transforma em terror para alguns, que não se conformam com o fim. E apatia para outros, que se conformam, resignados com o fim.

Para todos que chegaram à velhice, o tempo passou muito rápido, a vida é “como um breve pensamento”, como um vento que passou. As lembranças de muitos anos se tornam vívidas como se tivessem acontecido ontem.

Por outro lado, o prazer daqueles que têm Deus é infinito, porque ultrapassa os limites desta vida e segue além, pela eternidade. Os olhares destes não miram somente para trás, lamentando o tempo que passou, apesar das alegrias das conquistas. Seus olhares miram para a eternidade na qual irão habitar com Deus, seguindo as palavras daquele que, sendo Deus, habitou entre a humanidade e deixou a promessa da salvação eterna.

Mesmo que a passagem pela vida seja de sofrimentos e aflições, a esperança de participar da eternidade com Deus pela graça alegra os corações de todos os que se colocam a serviço do projeto de Deus.

### **Considerações finais**

Segundo Gn 3,22, a morte é uma condição provocada pelo estado pecaminoso do ser humano; para que não “viva eternamente” Deus colocou um fim à sua vida.

Depende do ser humano qual é sua reação ante esta realidade, alguns se revoltam, outros se abatem apáticos. Acham injusto terem uma vida de lutas e sofrimentos e quando conquistam algo que poderia dar-lhes prazer, se deparam com sua imagem refletida no espelho e se conscientizam o quão rápido passaram pela vida e logo mais à frente está o fim.

Mas o salmista tem um vislumbre da vida eterna e roga a Deus pela graça e misericórdia quanto aos seus pecados. Os que se colocam a serviço do projeto de Deus não se veem somente na vida que passou, mas suas vistas avançam mais além; veem-se na eternidade junto com o criador e isto alegra suas vidas. A benignidade de Deus provoca o cântico jubiloso e feliz naqueles que reconhecem sua soberania e poder e nele confiam.

### Referências

- GUNKEL, H. *Introducción a los salmos*. Valencia: Edicep, 1983.
- KIDNER, D. *Salmos 73-150: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.
- KRAUS, H.J. *Los salmos: salmos 60-150*. Salamanca: Sigueme, 1995, v. 2.
- SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos II: salmos 73-150*. São Paulo: Paulus, 1998.
- WEISER, A. *Os salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.

*Francisco Erdos*  
Rua Tiribinha, 51 – Jardim Mônaco  
86702-784 Arapongas, PR  
francisco@erdos.com.br